Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)
Ex Libris
José Mindlin

500

POEMA HEROYCO,

A FELICISSIMA JORNADA DE ELREI

D. JOÃO V.

NOSSO SENHOR.

POEMA
HEROYCO,
A FELICISSIMA JORNADA DE ELREY
D. JOAÕ V.
NOSSO SENHOR.

POEMA

HEROYCO,

A REAL ILLUSTRISSIMA JORNADA DE ELREY

D. JOAÕ V.

NOSSO SENHOR.

POEMA
HEROYCO,
A FELICISSIMA JORNADA, DE ELREY
D. JOAÕ V.
NOSSO SENHOR.

Nas plauſivens entregas das ſempre Auguſtas, e Sereniſſimas Princezas do Braſil, e Aſturias,

OFFERECIDO

A SERENISSIMA PRINCEZA DO BRASIL;

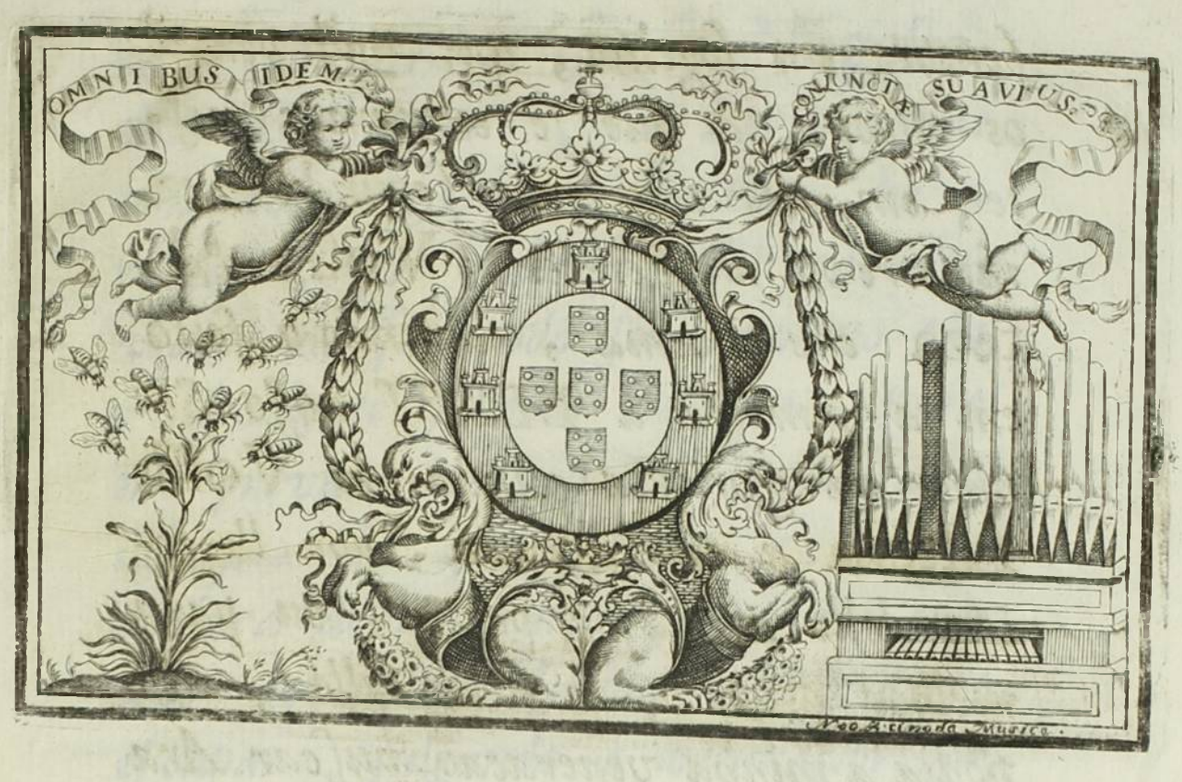
por ſeu Author

D. JORGE DE ALMEIDA DE MENEZES,

Porſeſſo do Habito de Saõ Joaõ do Hoſpital de Hieruſalem.

LISBOA OCCIDENTAL,
NA OFFICINA DA MUSICA,

Compoſto no anno de 1729. e dado a eſtampa no de 1734:
Com todas as licenças neceſſarias.



SENHORA.

E a ignorancia naõ merece ſer caſtigada , por ſe achar ſem-

ſempre em ſogeitos, que naõ pezaõ os riſcos, a que ſe expoem; neſte, em que temerario ſegunda vez me atrevo a offerecer a Voſſa Alteza *eſte Poema, avendo-o feito em a primeira a ELREY noſſo Senhor na glorioza vinda de* Voſſa Alteza *a eſte Reyno, por lhe tocar delle a mayor parte, ou para melhor dizer, o todo delle, naõ podia a minha veneraçaõ buſcar Ara mais precioza, em que ſacrificar taõ alto aſſumpto; que como eſte naõ contenha em ſi outra alguma couza, que toda naõ ſeja de* Voſſa Alteza, *certo que naõ podia ter a fonte Aganippe de minha Muza reparo mais ſeguro, do que o muito alto, e immenſo pelago da graça ſem par de* Voſſa Alteza. *O meſmo ligame taõ apertado, e vin-*

culo

culo tão estreito que as Magestades Catholicas, e Portuguezas tem com Vossa Alteza, he a razão, por onde se não pode duvidar de ser todo seu motivo tão equivalente, como bastante, para me prevaler de tão alta protecçaõ, debayxo da qual ficarey izento da censura de temerario, que dos juizos de alguns Zoilos não poderia escapar, julgando a veneração por loucura, a attenção por estulticia, e a obra por indecoroza. Porèm com o amparo de Vossa Alteza poderà escapar dos cortes licenciozos dos Criticos, que sem obrarem acção alguma compositoria, valem-se muitas vezes de huma palavra, que lhes não parece bem, não reparando nas muitas, e bem collocadas, que nas ditas obras vão; e basta-

lhe

lhes este indivisivel para cortarem o Author, e aniquilarem a obra, não reparando no que diz o Doutissimo Marcial, que não chega a persuadirse, a que haja author de qualquer obra, que entenda que tudo, o que nella diz, seja optimo, e unico, por não ser Joya do Paraizo, ou perola vinda do Ceo, para que senão ache na sua composição, infimo, mediocre, e altiloco, porque de nenhuma outra sorte se compoem, e assim o expressa nesta sentença.

Sunt bona, sunt quædam mediocria, sunt mala plura,
Quæ legis hic, aliter non fit, Avite, liber.

Mas falava como sabio, ou como Marcial; que escandalizado de hum tal Lauso, que lhe notou no seu livro

vro dos Epigrammas trinta, que lhe naõ contentaraõ, ſem reparar nos muitos, que achou unicos no todo ſeu compoſto: a quem o meſmo doutiſſimo Marcial reſpondeo neſta fórma.

Triginta toto mala ſunt epigrammata libro,
Si totidem bona ſunt, Laule, liber bonus eſt.

E aſſim Sereniſſima Senhora quando os arrojos dos ſimples prendem com peſſoas taõ altas, quaes o Mundo venera nas Reaes Mageſtades Portuguezas, e Catholicas, que no tal Poema trato, certo fico de ter reparo para os que livres coſtumaõ fallar.

Tambem Senhora eſpero o perdaõ de Voſſa Alteza, do exceſſo com que a rudez do meu fra-

co talento quiz por em eccos consoantes , o preclaro de taõ unica grandeza , e só Vossa Alteza *justamente , e as Soberanas* Magestades *de Portugal , e Castella se podiaõ dar por sentidas naõ do meu affecto , mas sim da obra , porque tendo assumpto taõ elevado , sahio o conceito menos altiloco , mas assim havia de ser , porque naõ podia corresponder o estanhado do meu discurso com o aureo esclarecido de tanta Magestade ; e neste caso ficarà disculpada a obra , e o autor pela vontade izento do castigo, por expor taõ feliz acção , da qual esperão os vassallos das duas Monarchias colher fructos muy sazonados para as suas glorias.*

D. Jorge de Almeida de Menezes.

LEY-

LEYTOR.

DE Sabios he louvar, assim como de nescios escarnecer, comtigo fallo prudente, e sabio Leytor, pois como prudente saberas relevar as indigencias destas minhas obras, que hoje na tua maõ poem a minha vontade; e se como prudente callaràs os erros, que nellas vires, como sabio applaudirás o util, que nellas achares: sabiamente reconheces, o que custa de estudo, o fabricar a idèa qualquer pequena obra pois

neceſſita da noticia, do conceito, do bom penſamento, da fabula, do exemplo, da ſentença, e do atado, e bem deduſido da Oraçaõ: e para ſe ajuſtarem todas eſtas circunſtancias, ſe faz preciſo hum grande trabalho, ſem o qual ſenaõ pòde dar corpo perfeito no compoſto ornato della. He certo, que nem todas as palavras, de que a tal ſe compoem, pòdem ſer relevantes, e exquiſitas, porque nem em todas as occaſioens pòdem ferir bem os conceitos; e ſe como ſabio reconheces eſta verdade, como prudente veràs que naõ pòdem idear ſempre no meſmo ſer os diſcurſos, que por humanos hade

nelles

nelles haver diminuiçaõ, porque naõ hà no Mundo perfeito homem, que naõ tenha, que se lhe diga, como o expreſſou neſtas palavras hum diſcreto.

Nihil ab omni parte beatum.

E aſſim como ſe trata de couſa creada, e finita, neceſſariamente hade produzir defeitos, e muitas imperfeiçoens, e ſó em Deos naõ pódem eſtas prender, por ſer por eſſencia infinito, como Divino: *Nemo bonus niſi ſolus Deus.* Eſtas ſaõ verdades certas, que ao teu ſabio diſcurſo ſenaõ occultaõ, que o dos neſcios naõ alcança, ou pella falta de eſtudo, ou pella occaſiaõ do genio, que os incita a fallar, ſem pezarem, o que dizem, nem por obra moſtrarem, o que ſabem,

bem, e a Leytor ſemelhante reſpondo com Marcial na repoſta, que deu a hum chamado Lelio, que lhe mordia as ſuas obras.

Cum tua non edas, carpis mea carmina, Leli,
Carpere vel noli noſtra, vel ede tua.

E aſſim diſcreto, e prudente Leytor, a occaſiaõ do affecto de vaſſallo produzio em mim o effeito deſtas obras poeticas, em que canto a felice acçaõ do noſſo Monarca, taõ unica, como ſua, e para o ſeu Reyno taõ glorioſa pellos projectos, que ſe ſeguem della, naõ ſó para quietaçaõ delle, mas tambem por meyo deſtes doces laços vermos abatidas as Meſquitas Mahometanas, que daquelles ſe ſeguem a eſtas a ſua ruina.

LI-

LICENÇAS,

DO SANTO OFFICIO.

O P. M. Fr. Antonio de Santa Maria Qualificador do Santo Officio, veja o Poema incluſo, e infórme com ſeu parecer. Lisboa Occidental 27. de Novembro de 1733.

Fr. R. de Lancaſtre. Cunha. Teixeira. Sylva. Cabedo. Soares.

APPRO-

APPROVAC,AM DO MUITO R. P. M. Fr. Antonio de Santa Maria da Sagrada familia dos Agoſtinhos Deſcalços, Lente na Sagrada Theologia Qualificador do Santo Officio, Examinador das tres Ordens Militares, e do Priorado do Crato, e Relaçaõ Eccleſiaſtica Oriental.

EMINENTISSIMO SENHOR.

POr muitos titulos ſe faz acredor do prello eſte Poema, que compoz D. Jorge de Almeida de Menezes, Cavalleiro profeſſo de huma Religiaõ, donde todos, naõ ſó ſaõ Nobres, e Illuſtres, mas Principes; e por iſſo ſem igual ou ſemelhante, qual he a preclariſſima, e muitas vezes Regia Ordem de Saõ Joaõ do Hoſ-

Hoſpital de Jeruſalem. Nella naõ ha nem pòde haver couſa alguma que offenda a pureza de noſſa Santa Fé, pois quem profeſſa, e jura deffendella com os fios da eſpada, naõ a pòde offender com os raſgos da penna; e quem dará mil vidas por conſervar illezos os bons coſtumes da Igreja Catholica, nella com os ſeus eſcritos, naõ havia introduzir dictames, que os maculaſſem. Em tudo he *Heroico* eſte *Poema*, e me pareceo, lendoo obediente ao preceito de Voſſa Eminencia, que eſtava vendo eſcrever ou Camões as ſuas Luſiadas, ou Sylveira o ſeu Machabeo, ou Henriquez Gomes o ſeu Samſam, ou Pereira a ſua Ulyſſea, ou o Cavalleiro Botelho de Moraes, e Vaſconcellos o

ſeu Alphonſo. Deminuto foy o meu conceito, e penſamento pois para elogiar os Auguſtos objectos deſte Poema, nem baſtaõ eſtes, nem os igualara aquelle por quem ſuſpirava o horror, e aſſombro do Mundo o grande Alexandre ſe todas as Muſas, que tem produzido o Parnaſo, pertendeſſem a coros decantar taõ altos merecimentos, haviaõ emmudecer ſuſpendendo as ſuas Liras; porque lhes haviaõ parecer deſtemperadas, roucas as Cytharas, para celebrarem o infinito de tantas perfeiçõeſ. Quando eſtas cõfundem por inacceſiveis ao juizo baſta o deſejo de as querer applaudir; porque fica o Amor com vitoria quando por veneraçaõ ſe confeſſa o entendimento

ven-

vencido, e naõ desacredita o entendido este triumfo da vontade ao entendimento. Quem o tiver sem paixaõ bem sabe o que merece este Poema, e este he o mais encarecido louvor que a minha fraca comprehençaõ lhe pòde dar. Vossa Eminencia he o Senhor que mandarà o que for servido. Lisboa Occidental Convento da Boahora dos Agostinhos Descalços. 1. de Desembro de 1733.

Fr Antonio de Santa Maria

O P. M. Fr. Marcos de Santo Antonio, Qualificador do Santo Officio, veja o Poema incluso, e infórme com seu parecer. Lisboa Occidental 9. de Desembro de 1733,

Fr. R. de Lancastre. Cunha. Teixeira. Sylva. Cabedo. Soares.

APPROVAÇAM DO MUITO R. P. M. Fr. Marcos de Santo Antonio da Sagrada familia dos Eremitas de Santo Agostinho Reytor no Collegio de Santo Antaõ da mesma Ordem Qualificador do Santo Officio Mestre Jubilado, e Lente na Sagrada Theologia, e Examinador das tres Ordens Militares.

EMINENTISSIMO SENHOR.

ESte Poema que Vossa Eminencia me manda rever, e pertende dar ao prello D. Jorge de Almeida de Menezes, Cavalleiro professo da Ordem de Saõ Joaõ do Hospital de Jerusalem, para se entender ser puro, e que naõ contem cousa alguma contra a nossa Santa Fé, ou bons costumes basta

taver, e admirar no frontiſpicio delle o nome de ELREY D. Joaõ V. Noſſo Senhor que Deos guarde, e ſer offerecido a Sereniſſima Princeza do Braſil, cujo reſpeito ſem violentar as vontades de ſeus vaſſallos, concilia nelles tanto os acertos da reſaõ, que baſta eſtar neſte papel eſcrito o ſeu nome Auguſto, para naõ ſe encontrar neſte Poema o mais leve defeito; e aſſim julgo ſer digno da licença que pede. *Salvo tamen ſemper.* &c. Voſſa Eminencia mandarà o que for ſervido. Collegio de Santo Agoſtinho de Lisboa Occidẽtal 24. de Deſembro de 1733.

Fr. Marcos de Santo Antonio.

Viſtas

VIstas as informações, pode-se imprimir o Poema, que se apresenta, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 26. de Desembro de 1733.

Fr. R. de Lancastre. Cunha. Teixeira. Sylva. Cabedo. Soares.

DO ORDINARIO.

O Reverendissimo P. M. Bartholomeu de Vasconcelos veja o Poema de que se trata, e informe com seu parecer. Lisboa Occidental 8. de Janeiro de 1734.

Gouvea.

APPRO-

APPROVAÇAM DO MUITO R. P. M. Bartholomeu de Vasconcelos Religioso da Companhia de Jesus Lente de Prima de Theologia do Seminario de Saõ Patricio Examinador Synodal da Relaçaõ Patriarchal Confessor actual do Illustrissimo, Reverendissimo Senhor Patriarcha, Academico do Numero da Real Academia da Historia Portugueza.

ILLUSTRISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

O Poema, que nas reciprocas entregas das sempre Augustas, e Serenissimas Princezas das Asturias, e Brasil compoz D. Jorge de Almeida de Menezes, sendo pella Magestade do assumpto o mais Heroyco, pella heroycidade, e esclarecida nobreza de seu Author naõ he menos Epico.

Nelle

Nelle ſe admiraõ ſingularmente ligados aquelles extremos, que por maravilha, ou milagre ſe achaõ unidos: o forçado do conſoante com o eſpontaneo: o conſtante do eſtillo com o corrente: o abundante das palavras com o eſcolhido: o elevado da fraſe com o cadente: o copioſo da narraçaõ com o ſuccinto: o agudo das ſentenças com o judicioſo, e com o grave: o livre do diſcurſo com o encadeado: o profundo do conceito com o perſpicuo: vendoſe com aſſombro praticado aquelle nunca bem apprendido documento.

Seja o conceito fundo,
Mas q̃ poſſa entendello todo o Mundo.

Outros Poemas poderaõ applaudirſe com mais clamor, nenhum

nhum com mayor acclāmaçaõ: outros ſahiraõ de mayor volume, nenhum de mayor pezo: outros ſeraõ de mais folhas, nenhum de mais letras: de mais cantos, nenhum de mayor encanto, nem mais decantado: de mais outavas, nenhum de mais quilates. Todas ſaõ outavas do mais fino ouro as deſte Poema, que no Rio da prata da mayor eloquencia ſe deſcobre mina da mais aurea, e acriſolada elegancia. Outros ſe acreditaõ poeſia pella audacia de fingir, eſte pella melodia, e ventagem de cantar: com a brandura, e ſuavidade do verſo correm parelhas o impetuoſo, e o ardente do eſpirito; qualidades naõ menos proprias dos alumnos de Maltha, que do Parnaſo. Quiz moſtrar o

Autor, que tambem ha em Maltha Apollo, e no Parnaso Malthez, e que em huma, e outra profissaõ póde jactar.

Est Deus in nobis, agitante calescimus illo,
Impetus hic Sacræ semina mentis habet.

Taõ calificado panegyrista naõ foy a menor felicidade de taõ Altas, e Soberanas Princezas nas faustissimas entregas, ou auspicios de seus Hymineos: para naõ terem que envejar nem a Lavinia o seu Virgilio, nem a Porserpina o seu Claudiano. A ambos vence D. Jorge de Almeida de Menezes, e jà no seu mesmo assumpto canta seguramente a VICTORIA. Animado de taõ Regias Musas, que saõ todo o seu alvo,

ou

ou influido de taõ celeſtes Urſas; mayor, e menor, que ſaõ todo o ſeu Norte, como naõ hade triunfar, remontandoſe ſobre as meſmas eſtrellas, eſte melhor Cyſne de Apollo, ou eſta melhor Aguia de S. Joaõ Jeroſolymitano! ſerà injuria do meſmo Saõ Joaõ, e do meſmo Apollo, e naõ de hum ſó Apollo, nem de hum ſó Joaõ, que ſe naõ imprima hum Oraculo taõ Divino, ou naõ ſe dé á luz hum Poema taõ ſagrado, como o ſeu meſmo objecto, e taõ digno da eſtampa, como elle a he de ſeu Autor. Eſte o meu ſentir, e naõ ſou mais amplo em me explicar, porque tudo, o que ſe póde dizer, he curto, e o preceito de Voſſa Illuſtriſſima Reverendiſſima a que devo logo

obedecer, he apertado. Saõ Roque 9. de Janeiro de 1734.

Bartholomeu de Vasconcelos.

PO'dese imprimir o Poema de que se trata, e depois de impresso tornarà para se conferir, e dar licença para que corra. Lisboa Occidental 10. de Janeiro de 1734.

Gouvea.

DO PAÇO.

O P. D. Joseph Barbosa da Divina Providencia, veja o papel de que se trata, e interpondo seu parecer o remeta a esta Meza. Lisboa Occidental 21. de Janeiro de 1734.

Pereira. Teixeira.

APPRO-

APPROVAÇAM DO MUITO R. P. M. D. Joseph Barbosa, C. R. da Divina Providencia, Examinador das tres Ordens Militares Chrronista da Serenissima Casa de Bragança, Academico do Numero da Real Academia da Historia Portugueza.

SENHOR.

POr Ordem de Vossa Magestade vi o *Poema Heroyco*, com que D. Jorge de Almeida de Menezes, Professo do Habito de Saõ Joaõ do Hospital de Jerusalem descreve *a felicissima jornada de El-Rey D. Joaõ o V. Nosso Senhor nas plausiveis entregas das sempre Augustas, e Serenissimas Princezas do Brasil, e Asturias*, e nelle naõ achey cousa

sa alguma que sirva de impedimento para se lhe dar a licença que pede para se imprimir. De dous appellidos taõ illustres, cujos herdeiros concorreraõ em todas as idades para a gloria desta Monarchia, huns com a espada, e outros com a penna, naõ se podia, nem devia de esperar huma obra escrita sem aquella decencia, que sendo huma das partes muito recommendada em todo o genero de composiçaõ, naõ sey se he igualmente observada. Vossa Magestade mandarà o que for servido. Lisboa Occidental nesta Casa de Nossa Senhora da Divina Providencia de Clerigos Regulares 10. de Fevereiro de 1734.

D. Joseph Barbosa C. R.

Que

QUe se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Mesa para se conferir, e taixar. Lisboa Occidental 4. de Janeiro de 1734.

Pereira. Teixeira.

VIsto estar confórme com o original, pòde correr. Lisboa Occidental 16. de Abril de 1734.

Fr. R. de Lancastre. Teixeira. Sylva. Cabedo. Soares.

VIsto estar confórme com o original póde correr. Lisboa Occidental 17. de Abril de 1734.

Gouvea.

Tai-

QUe se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Mesa para se conferir, e taixar. Lisboa Occidental 4. de Janeiro de 1734.

Pereira. Teixeira.

VIsto estar conforme com o original, póde correr. Lisboa Occidental 16. de Abril de 1734.

Fr. R. de Lancastre. Teixeira. Sylva. Cabedo. Soares.

VIsto estar conforme com o original póde correr. Lisboa Occidental 17. de Abril de 1734.

Gouvea.

Tai-

POEMA HEROYCO.

I

Antar quizera hoje em voz ſonora, (ra,
Do Luſitano Heroe empreza rara, Expoſiçaõ.
Mas como poderey cõ voz canora,
Cõ hũ rouco clarim dar voz taõ clara:
Fallando de hum tal Rey, que o Mundo adora,
E em verſo decantar a luz preclara,
Deſte Alexandre Magno Luſitano,
Adorado do Reyno Caſtelhano.

II

Invocação.

Mas vòs, luzido Deos, Paſtor querido,
Que em carroça rodais de luz brilhante,
Hum eſtylo me day alto, e ſubido,
Qual requere eſta empreza relevante:
Là deſſe quarto Empyrio taõ luzido,
Soltay os diques de criſtal conſtante,
Aſſim deſſa vejais Nynfa adorada,
De louro em Gyraſol ſua fé trocada.

III

Manday ao fraterno Coro, q̃ me inſtrua
Verſo ſuave, brando, e fervoroſo,
Com eſtylo elegante, que me influa
Hum louvor feſtival, armonioſo:
Deſte Ceſar Auguſto a gloria ſua,
No compaſſo de rima primoroſo,
Porque aſſim que chegou, e appareceo,
Foy, e vio, e voltou, e aſſim venceo.

Chegaraõ

IV

Chegàraõ do Monarca esclarecido (c)
Suas heroycas sombras a avistar-se,
Quando a bellica Praça com ruido, (d)
Por bocas de metal mostra alegrar-se:
Com repetidos eccos, e zonido,
Os fogosos coriscos a ostentar-se,
E toda a plebe em vozes repetia,
Viva deste Alexandre a hierarchia.

(c) Narração.

(d) A Cidade de Elvas.

V

Vivaõ do nosso REY suas grandezas,
Castella exaggere as suas glorias,
Conheça a Gallia em fim delle as proezas,
Cantem no Imperio já delle as victorias:
Esse povo Britannico as finezas,
E o nosso Portugal conte as historias,
O Mundo todo já diga constante,
Que a Cesar, e a Alexandre he semelhante.

VI

Falle o clarim dourado, e deſtimido (e)
Deſſe ligeiro monſtro, com que canta,
Em mil linguas de applauſo dividido,
Que o geral univerſo todo eſpanta:
Deſte Rey o valor mais applaudido,
Que he maior que o ſeu, que ſe levanta,
Reſpeitado do Orbe geralmente,
Da Urſa Glacial ao Cancro ardente; (f)

(e) O vento, que velos diſcorre. fazendo-ſe imperceptivel à viſta, ſe faz ouvir nas partes mais remotas do Mundo, acclamando as proezas do Sol Luſitano.

(f) De polo a polo Arctico, e Antarctico.

VII

Novos bronzes Liſipo lhe levante,
Eſtatuas mil Eliſia jà lhe entalhe,
A memoria Octaviana ſe adiante, (g)
E a deſte novo Auguſto a embaralhe:
A de Criſipo fique muy diſtante,
O applauſo em Cleante jà lhe falhe, (h)
Lavre ſeu nome em ouro Praxitelles, (i)
Em lenços o debuxe o grande Apelles.

(g) Octaviano Aug. foy dos Emperadores o mais notavel nas obras de façanha, e generoſidade, como o referem varios Auth.

(h) Cleante, e Criſipo, foraõ homens muy doutos nas humanas letras.

(i) Praxitelles, inſigne abridor, caja fama ſerà eterna, aſſim como a do grande Appelles, pela pintura.

As

VIII

A's onze e meya do dia assignallado,
Desse primeiro mez do grande Jano,
Sendo dezoito delle jà passado,
Em que a terra vè jà primicias do anno:
Em dia de hũ Rey duas vezes coroado, (k)
Que em glorias resplandecendo ufano,
Dos que seguem a Seita de Calvino,
A JESUS defendeo, Verbo Divino.

(k) Saõ Canuto, Rey de Dinamarca.

IX

Sahio o claro Monarca conduzido,
Do seu glorioso Imperio acompanhado,
De toda a Regia Prole ennobrecido,
Ena mayor grandeza exaltado:
Em hũ carro triumphal o mais luzido, (l)
De outo brutos domesticos levado,
Qual costuma nascer luzente, e puro,
Esse Pay do rapaz pouco maduro.

(l) O Sol roda em carroça de luzes com a qual deu de avesso seu filho Faetonte. *Theat.*

Vesti-

X

(1) Disputa, que teve entre si o Sol, por ver o avantajava em rayos o Sol nascido no seu Occaso.

Vestiose o velho Rey de grãdes rayos, (1)
Naõ sey se de envejoso do que via,
Suspenso pàra o curso com desmayos,
E olhando para si, assim dizia:
Para que fiz eu jà tantos ensayos,
Esperando a victoria deste dia,
Se abatido fiquey, e já rendido
A's forças de outro Rey esclarecido?

XI

Eu que Planeta sou o mais brilhante,
Eu que das Nimphas sou o mais querido,
Eu que dos Signos sou luzido Atlante,
Que das Espheras sou mais applaudido:
Eu que dos prados sou o seu gallante,
Eu que dos mares sou bem conhecido,
Que naõ pòde sem mim haver vivente
Em Occaso, Meyo dia, e no Oriente.

Porèm

XII

Porèm vendo agora, que me eſcuſa,
O Mundo todo jà minha aſſiſtencia,
Qual Alfeo os criſtaes de Aretuſa, [m]
Me convertem de todo a huma abſencia:
Enlaceme a cabeça de Meduſa, [n]
Para mais me encantar a paciencia,
Do Portuguez Alexandre eſſas luzes,
Claros ſepulchros ſaõ de meus capuzes.

(m) Aretuſa fonte de Sicilia, em a qual foy convertida a Nympha deſte nome por Diana, pela retirar de Alfeo, que por ella ſe perdia. *Nat. Cond.* elle ſe converteo em rio, e ſe vem a ajuntar com ella em Saragoça.

(n) Meduſa, Nynfa belliſſima, pelo deſacato, que fez ao Templo de Minerva com Neptuno, lhe converteo a Deoſa os cabellos da cabeça em cobras, por ſerem cauſa do acceſſo; e tinhaõ tal propriedade depois deſta metamorfoſi, que convertiaõ em pedra quem para elles olhava. *Theat.*

XIII

E tu, ò Muſeo, Heroe eſclarecido, (o)
Por unico Alexandre reſpeitado,
Magnanimo, luzente, e entendido,
Hoje do Mundo todo es laureado:
De mim meſmo tambem es applaudido,
Hoje, ſendo de mim meſmo envejado,
Porque ſabe eſſa graça, e formoſura,
Fazer paz co a enveja, e co a ventura.

(o) Falla o Sol com ElRey, conhecendoſe jà inferior nos ſeus luzimentos.

E vòs

XIV

E vós flamantes Astros, que tivestes, (p)
Tanta parte na gloria deste dia,
Sequiosos naõ ficais, pois merecestes
Ver do Sol de Alexandre a bisarria:
Aguias suas sois já pois vos fizestes,
Testemunhos fatais da valentia
Desse Sol Lusitano, desse Marte,
E desse unico Rey em toda a parte.

(p) Fala o Sol, com os demais Astros Celestes, pois alcançaraõ ver, o quanto o avátajava em luzes o Sol Lusitano.

XV

Tu ó bella Calliope adorada, (q)
Amada Musa minha engrandecida,
Entre todas as mais, mais venerada,
E por coroa de todas applaudida:
Sahe já com tua voz bem entoada,
Musa minha Real, Musa entendida,
Cantando desse Rey de Elisia bella,
Acclamaçoens do Reyno de Castella (r)

(q) Calliope a primeira das nove Musas do seu Coro.

(r) Foy o nosso Rey com vivas acclamado da Naçaõ Castelhana.

Assim

XVI

Assim fallava Apollo nessa esfera,
Absorto jà de todo, e suspendido,
Por ver hoje illustrada tanto a Era,
Dessas que tinha visto, e mais ouvido:
Vè se adianta nesta a Primavera, (s)
Nas gallas a grandeza do sobido,
Na variedade em fim de muitas cores,
Feyto o Caya jardim de varias flores,

O luzir do das gallas fazeraõ huma armoniosa vista; servindose de espelhos huns aos outros.

XVII

Ouviraõ-se os eccos là nos montes,
Retumbando as vozes cà nos valles,
Alegres os cristaes das claras fontes,
Naõ sentiaõ dos tempos jà seus males:
Soavaõ os clarins nos Orisontes,
Com o parche estrondoso, e seus timballes,
Aceitando o Leaõ a paz contente,
Das clarissimas Armas da Serpente.

XVIII

Abriraõ-ſe eſſas portas do Erario, (t)
Que eſcondiaõ em ſi tantas grandezas,
Com hum nunca jà mais viſto ſumario,
Se aviſtaraõ os Reys, e as Altezas:
Naõ ficaraõ ſuſpenſos, que ordinario,
Sempre aos goſtos ſuccede, ou às triſtezas;
Mas com doces prizoens o amor deu laços,
Nas finas ligaduras de ſeus braços.

(t) Chegaraõ as Mageſdes tanto ao meſmo tempo humas, e outras, que naõ ouve a menor interpolaçaõ, que parece foy ponto fyſico, e Matematico; e ſe enlaçaraõ com cordiaes affectos por hum grande eſpaço,

XIX

Eſpaço grande foy, que ſuſpendidos
Os deteve o ſeu amor, e taõ ligados,
Com ternuras de affectos já mais cridos, (u)
Em juizos preſentes, e paſſados:
Que contentes de os ver aſſim unidos,
Seus olhos de alegria aſſignalados,
Teſtemunhos fieis ſaõ deſtas glorias,
Que os dous Quintos Reys deixaõ ás me-
[morias.

(u) Vendo as Cortes aos ſeus Principes neſta amoroſa luta, de alegria choravaõ,

XX

Dividida a contenda dos affectos,
Cada hum tomou logo o seu assento,
Só os animos naõ, porque inquietos
Via em si cada qual seu pensamento:
Porèm todos iguaes, todos discretos,
Cada huin de persi em tudo attento,
Ponderando a mais fina concordata,
Feita em honra da fé, liga, que os ata.

XXI

Seguiose logo pois a affirmativa, (v)
Cada hum seu claro nome descreveo,
Acçaõ formal de todo decisiva,
Que os soberanos dons fortaleceo:
Toda a Corte Real da comitiva (x)
Suas veneraçoens aos REYS rendeo,
Os culando a maõ clara da Princeza,
Bebendo nectar puro nesta empreza.

(v) Assignaraõ as Magestades os papeis dos ajustes, ficando os nossos Principes em lugar superior, aos que aviaõ de là ficar, e nos que para cà vieraõ assignaraõ as Magestades Catholicas, com a mesma superioridade.

(x) Entrou a Corte de Portugal a reconhecer a sua Princesa, reverenciando-a, e beijando-lhe a maõ: e o mesmo fez a Corte Catholica à sua.

XXII

Acabadas de todo as ceremonias,
De acto taõ ſolemne, e mageſtoſo,
Concorreraõ depois varias hiſtorias,
E diſſe cada hum fico ſaudoſo:
Serviraõ logo os braços de colonias, (y)
Priſoens de ſeu amor mais ancioſo,
Que hum retiro cruel ſendo forçado,
He ſuſpençaõ dos pès, do amor cuidado.

(y) Vontade que àma, naõ eſtà na ſua liberdade. dis S. Bern. e aſſim ſe naõ reſolviaõ as Auguſtas Mageſtades a apartar humas das outras.

XXIII

Viraõ-ſe todos juntos opprimidos, (z)
Deſſe fero verdugo da ſaudade,
Aſſomouſe as janellas dos ſentidos,
Humas moſtras legais da lealdade:
Aljofar em diluvios derretidos,
Perolas congeladas da humidade,
Parto do coraçaõ cujos ardores,
He o meſmo piſcina, e fragoa amores.

(z) A piſcina das lagrimas he o coraçaõ, pelo aſſento q̃ a alma nelle faz, como dizem os fizicos; e por iſſo delle naſcem as operaçoẽs dos affectos, ſegundo os motivos: q̃ naõ era pequeno o do apartamento nas Auguſtas Mageſtades.

De-

XXIV

Deimproviſo eſſa Juno Valeroſa, [a]
Minerva ſacra, Pallas eloquente,
Bellona ſempre em tudo a mais brioſa,
Na ſuſpençaõ mayor, no mor repente:
Pegando na Aſſucena, cuja roza
Lheveſtia ſeus luſtres ao preſente,
Pela dor da abſencia, em que viſinho,
Via de novo amor novo caminho.

(a) Auguſtiſſima Rainha Catholica, vendo a inſeparaçaõ, cõ aguzeza, e mais dotes, de q̃ he ornada, ſe retirou cõ tal preſſa, q̃ mal foy viſta, levando pella maõ a Auguſta Princeza de Aſturias.

XXV

Voltáraõ logo todos de improviſo,
Satisfeitos, e alegres, mas ſaudoſos, (b)
Do Caya os campos ſaõ hum paraiſo,
De Arvoredos moviveis, e viſtoſos,
Mimo ſaõ já de Flora, em prejuizo,
Deſſe fero Deos Marte, em que os Eſpoſos,
Lhe trocaraõ a ſorte em feliz cazo,
Daquella que já foy funeſto occazo.

(b) Os campos, que em outro tempo foraõ Anfiteatro do odio, hoje ſe eternizaõ alegre recreyo da paz, eſtabelecida polos Principes Eſpoſos.

En-

XXVI

Entrou o noſſo Alexandre triumfante,
Neſſa chave fiel do ſeu Imperio, [c]
(c) Acidade deElvas, toda illumina-da,e cheya de jubilo. Elle igualando ao Sol no radiante,
Ella luſida Eſtrella do Emisferio:
Elle louvando a Deos no inceſſante,
Ella ao meſmo Senhor pelo myſterio,
De ſever já de todo aliviada,
Ds huma forte prizaõ, Praça fechada.

XXVII

(d) Em acçaõ de graças ſe cantou o Hymno do *Te Deum* na Santa Sé daCide de Elvas,aſſim que as Mageſtades Auguſtas a ella chegaraõ. Ao Sacro Domo foraõ conduzidos, (d)
Por hum Sacro Collegio acompanhados,
Sendo de hum Patriarcha recebidos,
E do grande Archetypo abençoados:
Rendendolhes as graças entendidos,
Com louvores de Hymnos entoados,
E voltando ao ſeu Paço ſem demora,
Pella graça de Deos coabella Flora.

XXVIII

Alguns dias que ali se deteveraõ,
Que do estado as rasoens os obrigava, (e)
Mostrar aos do seu amor tãbem quizeraõ,
Que os seus peitos amantes lhes ditava:
Duas vezes seviraõ, em que tiveraõ,
Conferencias muy uteis, que o amor dava,
De musicas suavissimas discretas,
Tendas de apparadores, e cubertas.

(e) Na ponte do Caya se armaraõ duas tẽdas, hũa q̃ servia dos apparadores, e outra para os refrescos.

XXIX

Là nessa Imperial torre se ouviaõ (f)
Os armonicos versos, que entoavaõ,
Os Planetas alegres se moviaõ,
Os doze signos Celestes repicavaõ:
Com brando Zephyro os ares se bulliaõ,
Os musicos de Flora se alegravaõ,
As correntes do Caya muy plausiveis,
A terra de alegrias já mais criveis.

(f) Os Musicos de Portugal com suaves melodias, e discretas canções, fizeraõ mais serenos os ares, e estes dias mais vistosos.

De-

XXX

Declinava o farol da quarta esphera,
Por tres partes do dia ter passado,
Illustrando de luzes, quem só era
Lustro das mesmas luzes acclamado:
Thetis já muy saudosa dezespera,
Là no monstro marinho alentado, (g)
Mas o grande farol do firmamento
Aos dous Imperios serve de instrumento.

(g) Apollo com sua lyra acõpanhava os coros da Musica.

XXXI

Nesta suspençaõ grãde, em q̃ os prazeres
A todos tinhaõ já muy divertidos,
Da musica o sabor, e os mais averes,
Nesta ultima vista dispendidos:
Seu amor ficou firme em seus quereres, [h]
Acçaõ muy singular entre entendidos,
Brilhando já de Joaõ o Sol luzente
Na casa de Leam, signo Eminente.

(h) O amor toda acõ diçaõ mitiga, diz Santo Agost. cõ estes amantes laços ficou este eterno nas Augustas Magestades.

Des-

XXXII

Deſpedidos de todo ſe voltaraõ
Para o Biſpal Palacio, em que aſſiſtiaõ,
Dando tempo ao tempo, em q̃ ordenaraõ
Todas as de mais couſas, que queriaõ:
Para a Villa de Flora ſe appreſtaraõ, [i]
E da forte Cidade ſe ſahiraõ,
Deixando ſaudoſa, entre contente,
Deſſe bem que gozara já ablente.

(i) Ablentandoſe de Elvas, ſahiraõ para Villa Viçoſa.

XXXIII

Chegados como digo á illuſtre Villa, (k)
Antiga reſidencia de ſeu Eſtado,
Em que a caſa Sereniſſima eſtilla
Impetrar de Diana o dezenfado:
Ella ſempre obſequioſa em ſervilla,
Por ſer creatura ſua no illuſtrado,
A Deoſa lhes aſſiſte muy goſtoza,
Na inquieta batalha deleitoza.

Chegaraõ a Villa Viçoſa, onde a Deoſa Diana os feſtejou com o divertimento da caça.

XXXIV

(l) Neptuno Deos do mar, se deve entender pelo Senhor Infante D. Fráciſco que nas ſuas criſtalinas aguas bebiaõ os Viados a morte, ſentindoſe feridos dos fogoſos rayos do Deos Jupiter, que ſe deve entender pelo Senhor Infante D. Antonio.

Aqui ſe detiveraõ alguns dias, (l)
Com o alivio da caſſa taõ baſtante,
Enchendo-os a Deoſa de alegrias,
Que Neptuno com Jupiter tonante:
Se avançaraõ tambem nas montarias,
Fazendoas cada hum taõ importante,
Apontandolhe Jupiter ſeus rayos,
E Neptuno nas aguas ſeus deſmayos.

XXXV

(m) A auguſta Princeza dos Brazis com já mais previſta ligeireza maton dous coelhos na carreira.

Eſſa luſida Pedra Diamantina, (m)
De Narcizo precioſa Margarita,
Do vergel de Joſeph bella bonina,
Da Alva Eſtrella, e de Apollo dita:
Vſou com ella a Deoſa de amor fina,
Com luſidos acertos a acredita,
Intentando dous ſimples animais,
Pella fuga eſcaparem dos criſtais.

Neſta

XXXVI

Neſta feliz campanha divertida. (n)
Com que o mimo do monte os convidava,
Logrando da eſpeſſura a ſempre havida,
Abundancia de goſtos, que lhe dava:
Cinco Soes os deteve eſta batida,
E com muſica a Deoſa os regalava,
Porèm era forçoſa a ſua abſencia,
Para Elyſia lograr ſua influencia.

(n) Matarão-ſe muitas rezes, e o Senhor Infante D. Antonio matou ſinco em que entrou huma de monſtruoſa grandeza, atè ali viſta, o Senhor Infante D. Franciſco matou quatro.

XXXVII

Abſentes já da Deoſa, e deſpedidos, (o)
Em dous campos belliſſimos formados,
Por diverſas eſtradas divididos,
De Alexandre o Sol, de Flora os Prados:
Ambos prudentes, ſabios, e luzidos,
Foraõ de outra Cidade aviſtados,
Achandoſe eſtes campos igualmente,
De vivas repetidos de outra gente.

(o) As Auguſtas Magestades viraõ por huma eſtrada, e as Excelentiſſimas Damas da Auguſta Rainha por outra.

XXXVIII

(p) Chegaraõ a Cidade de Evora, em cujo Portico se vè hũ Cavalleiro Armado, q̃ he o grãde Giraldo sem Pavor, que a ganhou aos Mouros, rendendo da Torre Pay, e Filha Mouros, que eraõ as centinellas, e de quem saõ as duas cabeças, que estaõ na porta: e atributou a seu Rey, e Senhor D. Affonso Henrriques, que se achava jà em Lisboa pella ter tomado ao Rey Mouro Alatar.

Jà do Sol de Alexandre a influencia, [p]
Chegou a perceberse em a Cidade,
A qual cabeças tem por excellencia,
Armas, que lhe quiz dar a liberdade:
Do Sem medo fatal, cuja potencia
O seu nome deixou á longa idade,
Jà o do primeiro Affonso, em tudo eterno,
Tinha o de Alatar, no lago Averno.

XXXIX

(q) Os Veriadores desta Cidade, e todo o Ecclesiastico, regular, e secular, vieraõ receber as portas as Augustas Magestades, levandoas debaixo de pallio.

Sahio o Clero todo acompanhando, (q)
E o Senado com seus Vereadores,
Cada qual muitos vivas entoando,
E as Religioens com seus Mayores:
Debaixo de hum pallio os vaõ levando,
Mostrando no seu gosto mil primores,
Recebendo aos REYS, e aos dous Esposos,
Adornos de Amaltèa preciosos.

Nes-

XXXX

Neſta illuſtrada infula famoſa, (r)
Hoje univerſidade confirmada,
Pella graça e merce da glorioſa,
E ſempre preclariſſima jornada,
Deſta unica grandeza mais ditoſa, [ſ]
Nos felices tres tempos de cantada,
Digaõ os que naõ fallaõ por cartuxos,
Deſte Sol de Alexandre os ſeus influxos.

(r) Fez Sua Mageſtade merce a eſta Cidade de confirmar Univerſidade.

(ſ) Fez Sua Mageſtade merce de cinco mil cruzados aos Padres da Cartucha da quella Cidade.

XXXXI

Para que vejaõ todos os eſtados, (s)
Que a todos abrange eſta grandeza,
Fallem as Mitras já e Purpurados,
E eſſes claros faroes de tanta Alteza:
Novas merces de Condes, e Togados,
Tambem faz huma parte deſta empreza,
Chegando a luzir Sol ſoberano,
No vegetavel ſer, e mais no humano.

(s) Fez merce ElRey noſſo Senhor de tres beccas à tres Meniſtros, e de Conde de Alva a D. Joaõ Diogo de Ataide, General das Armas da quella Provincia, e de Gentilhomem de ſua Camara ao Excellentiſſimo Marquez de Alegrete, Manoel Telles da Sylva.

Na

XXXXII

(t) Sahiraõ com a meſma fórma, e grandeza as ſoberanas Mageſtades, ſeguindo a ſua viagem para eſta Corte.

Na antecedente forma já tratada, (t)
Sahiraõ eſtes Deoſes Soberanos,
Seguindo a meſma fórma ventilada,
Por moſtrarſe a ſeus Povos mais humanos:
Das Villas, dos Lugares a eſtrada,
Se achava baſtecida de Aldeanos,
Os luſtres admirando da tal marcha,
Da Aurora as perolas, do Sol a eſcarcha.

XXXXIII

(u) Chegaraõ ſuas Mageſtades à Aldea Galega, onde ſe embarcaraõ para eſta Corte.

Chegou deſte Alexandre acomitiva, (u)
Asbelliſſimas margens lá do Tejo,
Que a ſua agua criſtalina fogitiva,
Suſpenſa para o curſo, e o motejo,
Segura a manſidaõ, muy affectiva,
Qual era de vello a gloria, e o deſejo,
Triumphante, alegre, e venturoſo,
Já reſtituido a Patria glorioſo.

Aceita

XXXXIV

Aceita dos criſtais a urbanidade, [v]
Embarcado e entregue á corrente,
A do vento com branda ſuavidade
Lhe promette ſer firme em quanto intente:
Em ambos fez ſegura eſta verdade,
De hum, e outro elemento a ſua enchente,
Aos Eſcalleres cingindo o Prateado,
E ſoprando aprazivel o Dourado.

(v) Os Elementos ſe moſtrão obedientes ao noſſo Monarca porque o dovento o trouxe em popa atè o Montijo, e porque a ſahida delle lhe ficava contrario, obediente ſe lhe voltou, acompanhandoo no meſmo ſer; e o da agua no ſeu bolicio brando lhe fez ſegura eſtrada.

XXXXV

E vòs Tagides bellas naõ faltaſtes, [x]
Com elogios cantai eſtas emprezas,
Do voſſo Tejo amantes, celebraſtes
O requinte mayor de ſuas finezas:
Invocando aos Deoſes entoaſtes,
Em verſo diſcretiſſimas proezas,
Deixando ſuſpendidos os ouvidos,
Abſortos, e paſmados os ſentidos.

(x) As Nymfas do Tejo vinhaõ guarnecendo os Eſcaleres entoando ſonoras canſoens, e louvando o brãdo movimento de ſua agua.

Com

XXXXVI

(y) O fogo da Artelharia cõ estrondoso repucho lhe dava salvas, e a Terra em alternadas vozes repetia os vivas.

Com esta paz quieta, e Metro grave,
Se viaõ vir bogando os Escalleres,
Entre o ligeiro, e brando, e o suave,
Entre obolir das aguas, mil averes:
Fez o fogo co a Terra seu conchave, (y)
Usando cada hum de seus poderes,
De Vulcano essas bocas retumbavaõ,
E as vozes cà da Terra o acclamavaõ.

XXXXVII

(z) Sahiraõ os nossos Monarcas à Terra, q̃ a illustre vea do nosso Camoẽs tanto acclamou por seus grandes varoens; e parece que jà entaõ lhe presagia as venturosas glorias desta ditosa jornada de seu REY glorioso D. Joaõ V.

Surgio já, como digo, na arenoza (z)
Praya de Elysia bella, decantada,
Por Armas dos Varoens sempre ditoza,
E por huma Illustre veya acclamada:
Hoje ficas mais que nunca glorioza,
Sendo hoje mais que nunca affamada,
Pois seus varoens entaõ te authorizaraõ,
Hoje as glorias de ELREY te sublimaraõ.

Ce-

XXXXVIII

Celebre já ditoza muito embora (a)
Essa Grecia seus Sabios, que pregoa,
Porèm nunca verà já mais agora,
Tecida essa Grinalda por Coroa:
Em todo o tempo já, e em toda a hora,
Esta nossa Augustissima Lisboa,
Laureada se verà da esquiva rama
Da gloria do seu Rey, q̃ o Mundo acclama.

(a) Naõ tem sa aduraçaõ dos tempos que fazer memoria de sete homens sabios, q̃ teve Gregia, à vista de sete radiantes Astros, q̃ logra Lisboa.

XLVIV

E se aquella foy sempre celebrada, [b]
De hum dizer, q̃ se canta em douto estylo,
Por Cleobolo, e Patico louvada,
Talles, Bias, Solon, Piriandro, e Chyllo:
Esta de Elysia hoje esmaltada,
Sem que chegue ninguem a dismentillo,
Por seus sete Planetas taõ luzentes,
Emulaçaõ do Sol, pasmo das gentes.

(b) Acidade de Athenas ficou celebre nas memorias, por sete Doutos, q̃ aboneraõ: a nossa Lisboa, he illustrada por sete Planetas, que a illuminaõ; e a faraõ perduravel eternamente na fama.

L

Em eloquente verſo, e muito idonio, (c)
Tẽho hoje moſtrado em huns trãſumptos,
De Joaõ, e Joſeph, Carlos, e Antonio,
Franciſco, Manoel, Pedro, e todos juntos:
Saõ de Elyſia hum claro Patrimonio,
E das Muzas tambem raros aſſumptos,
Sendo do Mundo todo Auguſta Scena,
E hum barbilho da fera Agarena.

(c) Saõ ſete luzeiros, que avivaõ a fé, e tem Portugal por Timbre nas ſuas Armas; os quaes fazem eſcurecer de Mafoma os ritos.

LI

Eſcureçaõ-ſe as glorias de Trajano, (d)
Dos Cezares grandezas, que fizeraõ,
Dos Aſſirios, dos Gregos, e Troyano,
Jornadas, e victorias, que venceraõ:
Publique ſó a penna ao Luſitano,
Daquelles, que dos outros eſcreveraõ,
E diga em proza, e verſo, a elegancia,
Que os excede ELREY na mor diſtancia.

(d) Aſſim como todas as aguas buſcaõ o mar como centro, que em ſi abſorve todas as riquezas de ſeus mananciaes; aſſim da meſma ſorte o noſſo Principe em ſi comprehende todas as virtudes, dos que celebra a duraçaõ dos tempos.

Mas

LII

Mas para q̃ me canſo em dizer pouco,
Se naõ ſey explicar já quanto quero,
Que explicar o impoſſivel he ſer louco,
Naõ tendo a cadencia de hũ Homero: (e)
Mas lanceyme a hum mar, inda q̃ a trouco,
Deperderme no immenſo, ou já no fero,
Deſſe filho de Cello peregrino, (f)
Que excede no valor ao Paladino. [g]

(e) Homero, Principe dos Poetas Gregos.
(f) Oceano mar filho de Cello.
(g) Orlando Paladino, foy dos Paladinos o mais diſtemido, e aſſim tido na opiniaõ de muitos.

LIII

Mas para dar já fim ao começado,
O naõ poſſo fazer, ſem que primeiro,
Conte, e cante de Elyſia o ſublimado,
De ſeu obſequio feſtivo derradeyro:
Por entre triumphais arcos foy levado, (h)
Hieroglyfico excelſo, verdadeyro,
De hum Auguſto Monarca, cujo Solio,
Pequeno lhe he da Terra o Capitolio. (i)

(h) Vinte e quatro arcos triumphais aramaraõ as Naçoens ſendo o ultimo o da Naſçaõ Caſtelhana; como Timbre, e remate deſta gloria.
(i) A afamada, e antiga Roma tinha hum Capitolio, ou caſa ſuprema, em que ſeus Imperadores davaõ Leys ao Mundo todo.

LIV

E tu Invicto Heroe, Monarca claro, (k)
Essa eterna, e Divina providencia,
Fazendote em tudo unico, e raro,
Do Bootes pos em ti sua ascendencia: [l]
E já que es Norte fixo, e taõ preclaro,
Favorece dos teus a emergencia,
Despendendo do Zephyro os favores,
E sendolhes propicio nas suas dores.

(k) Dizia Felippe Macedonio ao grande Alexandre seu filho, fosse liberal para cõ os seus, que o venerassem credor, e o naõ temessem Rey. Corn. Tac.

(l) Boote constellaçaõ celeste, e se toma pelo sete Estrello; e se tem por Norte. Zephyro he vento brando, e suave, que regalla os corpos, e fortifica as Aruores, e suavisa as plantas.

So-

Soneto al Principe Nuestro Señor por el mismo Authhor, en que le retrata Narcizo, mirando sû beldad en las cristalinas corrientes del Tajo: e identicamente, como otro hijo de Alexandro, siguiendo las pisadas de su supremo Padre.

Satis est te patrem habuisse Alexandrum.

SONETO.

PRodigioso Joseph joven sagrado,
Narcizo singular, raro portento,
Vivo traslado de Jove en lo attento,
Claro rasgo de Juan en lo alentado:

De aquellas puras venas esmaltado,
Temiras en el Tajo tan contento,
Pues a Narcizo imitas sin descuento,
Yal hijo de Alexandro mas amado.

Los cristales de aquel, que dulce leves,
Te muestran de tù ser claros indicios,
Y seguiendo á la sombra del que deves,

Te rindirá el orbe, en sacrificios,
Victimas, y coronas, sombras breves,
Seran de tù alto ser leves resquicios.

So-

Soneto Panegyrico ala Sereniſſima Princeza, Nueſtra Señora, Por el miſmo Author.

SONETO.

INvencible prodigio, más que humano,
Que alos Divinos Coros te adelantas,
Com tù rara agudeza al mundo eſpantas,
Por Dioſa Portugal te adora Uſano:

El te reſpecta idolo Soberano,
Por tù gran diſcrecion, y prendas tantas,
Numerarlas nó puede, puès lo encantas,
Reduſirlas a cuenta es en vano.

Sola tù miſma atì, portento raro,
Puedes ſola atì miſma comprehenderte,
Com realidad igual, y ſin reparo.

Te puedes miſma tù ſatisfazerte,
Al miſmo tiempo, que tù ſer preclaro,
Dà al Orbe por gloria obedecerte.

So-

Soneto Elogiativo à Sereniſſima Princeza, Noſſa Senhora, pelo meſmo Author.

SONETO.

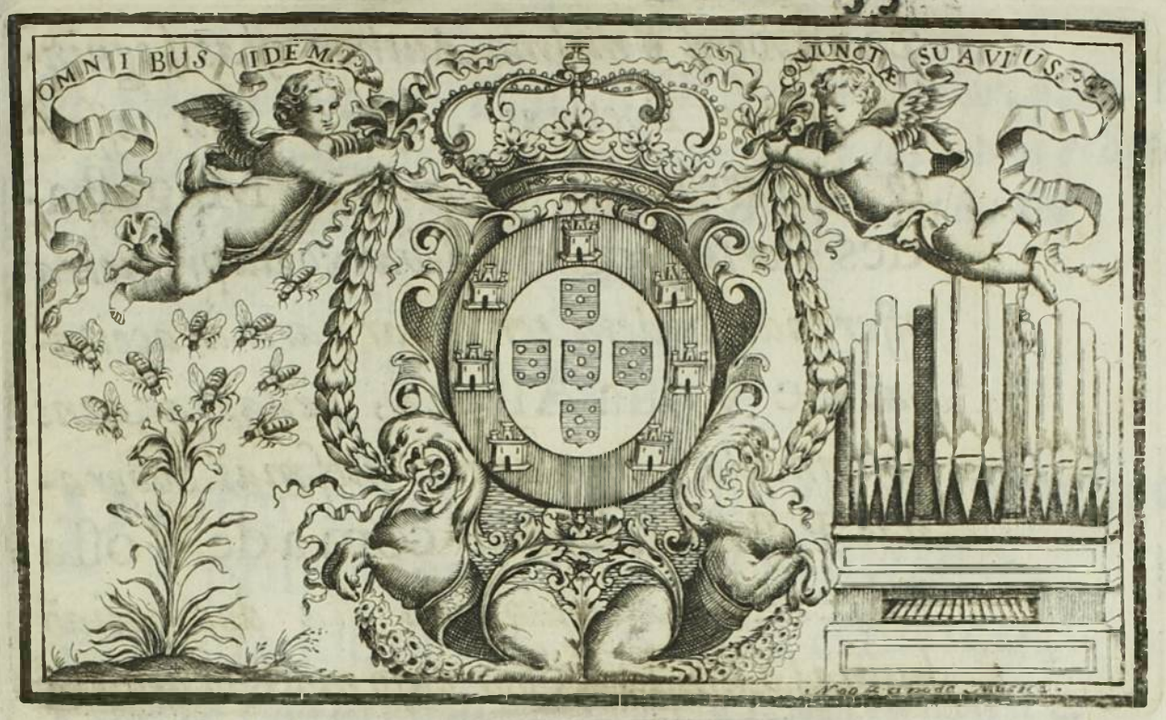
ORnamento feliz do Prado ameno,
Aurora rutilante, pura, e bella,
Sagrado Numen de luzente Eſtrella,
Zephyro brando deſſe Ceo ſereno:

Ati humilhado meu clamor terreno,
Supplica à tua Alteza com cantella,
Que perdoes o modo de eſcrevella,
A obra deſte ſeco, àrido feno.

Tù lhe dà hoje luz com tua graça,
Supra na minha pena a tua gloria,
Naõ averá ninguem, que em mim desfaça,

Pois ditoſo já hoje canto a hiſtoria,
Naõ temendo dos lances a diſgraça,
Nem riſcarme do livro da memoria.

So-



SENHORA.

SUPREMA, e *sempre Regia protecçaõ* de vossa Alteza

za *expoem o meſmo Author eſtas ſeguintes obras Poeticas , que o ſeu affecto conſagrou as Soberanas* Mageſtades *Portuguezas; e debayxo da primeira offerenda pòdem ter lugar para à aceitaçaõ* de Voſſa Alteza, *pellas razoens do vinculo , com que as meſmas Soberanas Peſſoas ſe ligaraõ* com a de Voſſa Alteza , *fazendo com eſta doce uniaõ huma ſó unidade; por cujo motivo devem ter as ditas obras na Soberana vontade* de Voſſa Alteza *a mayor eſtimaçaõ , circunſtancia muy relevante , por onde as quiz dar à luz por meyo da eſtampa ; eſpero me valha para defenſa o ſagrado , que imploro, ſupprimindo toda a cenſura menos juſta, que ſe me poſſa formar.*

Al

Al Soberano Imperio de ELREY Nueſtro Señor, que Dios guarde, quinto del nombre Juan, y por ſus raros echos, y generoſas acciones primero entre todos los del Mundo.

SONETO.

PEregrino D. Juan, quinto del nombre,
Y primer ſemi Dios del Univerſo,
Es tû grandeza tal, y ês tal tû esfuerço,
Que te hazen ſolo REY, y ſolo hombre:

Permiteme o Señor, mas nò te aſſombre;
El clamor de mi voz en corto verſo,
Que el querer explorar tû ſer diverſo
Es nó bien penetrar tù gran renombre.

Lo mucho que en tî ſobra, a mi ſe occulta;
Lo que falta aqui en mî, tû lo pregonas,
Y eſſa miſma grandeza difficulta

Poder yò conocer, loque apriſionas;
Que nó ſiendo la vena mia eſtulta,
Comprehender nò puede á tus Coronas.

Epilogos en loor de la misma Soberana Magestad.

Quien ès que aumenta la Ley? ELREY
Y de que modo, o q̄ fuerte? Fuerte
Con semblante magestozo, Generoso.
Es dela Ley tan zelozo,
Y de sú satisfacion,
Que nò pierde la attencion,
ELREY, Fuerte, Generoso.

Que ostenta con sù gran ser? Poder
Y que mas con su misterio? Imperio
Y con el mirar y rever? Saber
Luego bien se dexa ver,
Que para regir el Mundo,
Se ha menester muy profundo
Poder, Imperio, Saber.

Que mas haze ſu grandeza? Proeza
Y que mas con ſú favor? Amor
Y ſú grande Mageſtad? Poteſtad
En una gran tempeſtad,
Oygo en lenguas immortales,
de compoſiciones tales,
Proeza, Amor, Poteſtad.

Al Supremo Sol Lusitano, ELREY Nuestro Señor:

Del mas infimo vassallo suyo, que a sus plantas humillado, le offereciò el limitado transumpto de la superabundancia de sú Regio original en neste Soneto; y despues con la misma genuflexion levolviò a offerecer glosado a sú misma grandeza.

SONETO.

EN una delas quatro, fin del dia,
A donde muere el Sol, nàscio luciente,
Revestido de rayos igualmente,
El mas brillante Sol de Monarchia:

De sû Divinidad de hierarchîa,
Reparte por la Europa felizmente,
Llenandola de fructos fertilmente,
Como quarto Planeta, que los cria.

Sû bella Aguila augusta, que al Sol mira,
Con sus bellas Estrellas scintilantes,
Nos dâ segura fê, de que lucira,

Quãdo en Joseph nos diò Principe, y Infãtes,
Pues en quanto del Sol sû amor no tira,
Nò pudo acrisolar à sus Diamantes.

GLO-

SONETO.

EN una delas quatro, fin del dia,
A donde muere el Sol, nácio luciente,
Revestido de rayos igualmente,
El mas brillante Sol de Monarchia:

De la Divinidad de Hierarchia,
Reparte por la Europa felizmente,
Llenando la de frutos fertilmente,
Como quarto Planeta, que los cria.

Sá bella Aguila augusta, que al Sol mira,
Con sus bellas Estrellas luminantes,
Nos dá segura fé, de que lucira.

Quando en Joseph nos dió Principe, y Padre
Pues en quarto del Sol su amor nos tira,
No pudo acriolar á sus Diamantes.

GLO-

GLOSA.

I.

ò ceſſe del Orpheo la Citra de Oro;
Entã.o ue mi voz nò ſe acobarda,
Pués ã de Elyſia cãto, y del theſoro,
De ſu bello oyel, que el Cielo guarda:
Po. honor dela Patria, y ſú decoro,
El Cielo aun por eſſo le reſguarda,
Aquella le dio el ſer, eſte le es guia,
En una de las quatro, fin del dia.

II.

Bolando por la Esphera Diamantina,
Resplandeciente el Sol sú luz encierra,
En la liquida Esphera Neptunina,
En confines de Elysia, onde se entierra:
Llorando el Emisspherio sû ruîna,
Nó la llora pues oy la Elysia tierra,
Una, y otro, mirando à gran corriente,
A donde muere el Sol, nascio luziente.

III.

De densas pardas sombras se vestian,
Los Elementos todos se enlutavan,
Quando en la grande Elysia se le oîan,
Vozes, que en coros mil bien se entonavan:
Esparcidas al àyre, assi dizean,
Bendito sea Dios, assi gritavan,
Que nos diò otro Sol mas reluziente,
Revestido de rayos igualmente.

Los

IV.

Los echos dela tierra retumbando,
Al Espherico ambito Estrellado,
Los rebaños de Admeto convidando,
A sú bello Atlante iluminado:
Las Musas en sus coros alternando
Parabienes al Cielo, lustre al Prado
Del luminar mayor, en quien se via,
El mas brillante Sol de Monarchia.

V.

Passaron dela Esphera de Zafiras
Las vozes de acordadas consonancias
Al Ethereo assiento, y a sus pyras,
Del supremo Author delas distancias:
Midiendo por aquellas, las que miras
Del nuevo luminar, y sus intrancias,
Pues allâ del principio se le óîa
De sú Divinidad de heirarchia.

VI.

Y vos ò Paranimphos del Imperio,
Yà que reconoceis al gran Nereo,
Por Señor dela mar, fatal martirio
Del Agareno pueblo, y del Hebreo:
Yo tambien os diré sin ser delirio,
Que nascio en Elysia fuerte Antheo,
De donde su valor muy diligente,
Reparte por la Europa felizmente.

VII.

Del Heroe luz del Mundo humanado
Canta mi consonante melodia,
Con arrojo fatal, desengañado,
Ser modelo el mejor, a luz del dia:
De sù rara altivez acompañado,
Y lleno de immutable gallardia,
Con la Europa se muestra continente,
Llenandola de fructos fertilmente.

VIII.

Qual antorcha luziente, que illumina
A los prados, y flores, mas constante,
Sú excelsa altivez se encamina,
Nò faltarle sù luz, firme, y amante:
Ni de dia, ò de noche esta declina,
Mas siempre con el ser de Sol pujante,
Les assiste Paterno noche, y dia,
Como quarto Planeta que los cria.

IX.

Y que puede oy mi voz, y humilde canto,
Celebrar de una Estrella iluminada,
Que siendo bella Rosa, és dulce encanto,
Del mas puro vergel Reyna adorada:
Nascio en la Cesarea cuna, y tanto
Que a sú Sol registrò en sú morada,
Jamas se aparta del, ni se retira,
Sú bella Aguila augusta, que al Sol mira.

Qual

X.

Qual diafano eſpejo criſtalino,
A quien el Sol penetra ſin quebrarle,
Sus luzes communica a ſû Divino
Y preclaro explendor para aumentarle:
Y ſupuro criſtal mas terſo y fino,
A ſus miſmas eſpecies buelve a darle,
Pués le dá por ſùs rayos ſus Infantes,
Con ſus bellas Eſtrellas ſcintilantes.

XI.

Eſta Cinthia Auguſta eſclarecida,
Luna nueva en el Auſtria procreada,
Na quel creciente quarto muy luzida,
Oy en ſú lleno quarto remontada:
De aquel ſupremo Sol favorecida,
De ſû miſma altivez favoniada,
Ardiente Mongibelo de ſû pyra,
Nos dá ſegura fé, de que luzira.

Deſte

XII.

Deſte ſû gran conſorcio, tal unido,
Cogio bella Amalthéa lindas flores,
Sacando dellas miſmas tan luzido
Un eſquadron de fructos, y de amores:
Del gran Sol en Elyſia renaſcido,
Recibio del ſus rayos en fulgores,
Quitando de aquel Sol, luzes brillantes,
Quãdo en Joſeph nos dio Principe, y Infãtes.

XIII.

Solo la Divindad de Clicie amante,
Que ès incomparable ſû grandeza,
Por ſer una Deidad de amor Gigãte,
Formò en ella ſû ſer naturaleza:
Para ſeguir ſú Sol firme, y conſtante,
Nadie puede oponerſe a ſú belleza,
Mas ſiempre con la miſma amante gira,
Pués en quanto del Sol ſú amor nò tira.

Ceſſe

XIV.

Ceſſe yà mi canora, amante lira,
Explicando muy mal ſú penſamiento,
Pués canta de un Heroe, qual ſe admira
Entre Sacras Eſpheras por portento:
Del contacto del Sol con ſù zafira,
Fué publicar mi voz ſú fino intento,
Pués nó viendole el Alva por inſtantes,
Nó pudo acriſolar á ſus Diamantes.

FIN.

ERRATAS.

erros.		emmendas.
p. 28. *na margem onde diz* Boote,	*hade ſer*	Bootes.
p. 42. *no quinto pè da ſegunda outava onde diz* Dizean,	*hade ſer*	Dezian.
p. 43. *no ultimo pè da ſegunda outava onde diz* heirarchia,	*hade ſer*	jerarchia.
p. 47. *no primeiro pè da ſegunda outava onde diz* Divindad,	*hade ſer*	Poteſtad.
Na approvaçaõ do P. M. Fr. Antonio de Santa Maria na regra 14. *da Terceira lauda onde diz* Deſtemperadas roucas,	*hade ſer*	Deſtemperadas, e roucas.
p. 14. *na ſegunda margem onde diz na Santa Sè* Da Cide *de Elvas*,	*hade ſer*	Cidade
p. 17. *no ſetimo pè da primeira outava onde diz* deixando,	*hade ſer*	deixandoa.
p. 20. *no quarto pè da primeira outava onde diz* liberdade,	*hade ſer*	lialdade.

p.

ERRATAS.

erros.	emmendas.
p. 23. *na margem onde diz* se moſtraõ,	*hade ſer* ſe moſtraraõ.
p. 37. *no terceiro pè do primeiro Epilogo onde diz* Mageſtoſo,	*hade ſer* Mageſtuoſo.

010350